

## O palco repugnante: uma tragi-comédia do espaço urbano britânico

### Eamonn Canniffe

Eamonn Canniffe é o responsável pelo mestrado em Arquitectura + Urbanismo na msa. Nasceu em Manchester em 1960 e formou-se em Arquitectura nas Universidades de Cambridge e Harvard. Em 1996, foi bolseiro em Belas-Artes na Escola Britânica em Roma. Entre 1986 e 1998, leccionou na Escola de Arquitectura da Universidade de Manchester, e entre 1998 e 2006 na Escola de Arquitectura da Universidade de Sheffield. É autor de *Urban Ethic: Design in the Contemporary City* (Routledge, 2006) e *The Politics of the Piazza: the history and meaning of the Italian square* (Ashgate, 2008). É co-autor (com Tom Jefferies) de *Manchester Architecture Guide* (1999) e (com Peter Blundell Jones) de *Modern Architecture through Case Studies 1945-1990* (Architectural Press, 2007), tendo sido publicada uma edição chinesa em 2009. Para além disso, é editor da colecção de Arquitectura da Ashgate Publishing.

**Para citação:** CANNIFFE, Eamonn – O palco repugnante: uma tragi-comédia do espaço urbano britânico. **Estudo Prévio** 5-6. Lisboa: CEACTION/UAL – Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2014, p. 169-181. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: [www.estudoprivio.net](http://www.estudoprivio.net)].

Creative Commons, licença CC BY-4.0: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

### Resumo

O tema deste simpósio é oportuno. As épocas em que a *piazza*, enquanto tipologia, foi objecto de estudo aprofundado como fenómeno urbano — na segunda metade do século XIX, exemplificada por Sitte, e no pós-Segunda Guerra Mundial com o desenvolvimento do *townscape* — foram ambos períodos de imensa transformação nas cidades, em que as formas tradicionais de urbanismo e de sociedade estavam sob forte pressão. Em contraste, o período de reavaliação que teve lugar entre meados da década de 1960 e meados da de 1990, sob a liderança de figuras como Aldo Rossi e os irmãos Krier, foi uma época de relativa estagnação. Actualmente, a situação urbana sofreu uma transformação dramática ao longo das últimas duas décadas, à medida que novos empreendimentos invadiram os centros urbanos. No entanto, a *piazza* volta a surgir como uma característica identificadora da qualidade urbana — uma palavra que, por vezes, se aplica às mais improváveis áreas abertas de paisagem dura e a ‘espaços sobranceiros do planeamento’, como se o próprio nome fosse garantia de sofisticação e prazer.

**Palavras-chave:** Espaço Urbano, Espaço Público, Piazza.

O tema deste simpósio é oportuno. As épocas em que a *piazza*, enquanto tipologia, foi alvo de estudo contínuo como fenómeno urbano — na segunda metade do século XIX, como exemplificado por Sitte, e no período pós-Segunda Guerra Mundial com o desenvolvimento do *townscape* — coincidiram ambas com momentos de imensa transformação nas cidades, em que as formas tradicionais de urbanismo e de sociedade estavam sob forte pressão. Em contraste, o período de reavaliação que teve lugar entre meados da década de 1960 e meados da de 1990, sob a liderança de figuras como Aldo Rossi e os irmãos Krier, foi uma fase de relativa estagnação. Nos dias de hoje, a situação urbana sofreu uma transformação dramática ao longo das últimas duas décadas, com novos empreendimentos a invadirem os centros urbanos. Ainda assim, a *piazza* volta a surgir como uma característica distintiva da qualidade urbana — uma palavra que, por vezes, se aplica às mais improváveis áreas abertas de paisagem dura e a “espaços sobranes do planeamento”, como se o próprio nome fosse garantia de sofisticação e prazer.

O carácter morfológico do espaço público na cidade contemporânea é dominado pela identidade individual dos edifícios. A relação entre estes edifícios é frequentemente tão ténue que o espaço entre eles se torna redundante, seja como entidade funcional, seja como uma forma de matéria intangível que una os volumes urbanos. Pode, por isso, observar-se desde logo que a quantidade de espaço não é uma preocupação central; o que está em causa é, antes, a qualidade do espaço público disponível. Em contraste com a situação actual, as ambiguidades do espaço nas cidades tradicionais representavam um valor cívico positivo, implicitamente eclético, porque, independentemente de como os espaços fossem concebidos ou projetados, prestavam alguma deferência à rica tradição da praça pública europeia. A sua natureza ambígua — enquanto realizações do individual e do coletivo — e a sua apropriação pelos cidadãos para atividades partilhadas reforçavam a estrutura de uma sociedade. O espaço na cidade contemporânea tem dificuldade em cumprir esses papéis, o que conduz à questão de saber se a experiência coletiva do domínio público existente, ou mesmo dos espaços quase-urbanos dos novos empreendimentos comerciais, terá um papel significativo no futuro do espaço público. Serão esses os locais apropriados para a continuação do discurso político? Ou estará o futuro do fenómeno da praça pública inevitavelmente ligado — e limitado — pelo rico legado do seu passado?



**Figura 1** Liverpool One (fotografia do autor – todos os direitos reservados)

A erosão de qualquer dimensão política explícita nestes espaços públicos é, em si mesma, um sintoma político da passividade das populações nas sociedades democráticas consolidadas. No contexto britânico contemporâneo, isto resulta tanto do abandono da expressão política em favor dos meios de comunicação social, como também do carácter tipicamente pouco expressivo da forma urbana. Se, até há relativamente pouco tempo, a representação política explícita estava largamente ausente, é na vida em transformação dos espaços urbanos que a metáfora da cidade como teatro encontra a sua expressão mais profunda. Este fenómeno tem raízes profundas, embora nem sempre com efeitos positivos.



**Figura 2** Occupy London (fotografia do autor – todos os direitos reservados)

Por exemplo, Aldo Rossi reconheceu a cisão entre intenções e experiências na sua reflexão sobre o *locus* e o contexto em relação ao Fórum Romano. Em *A Arquitectura da Cidade*, escreveu:

*Locus ... não está desligado do contexto; mas o contexto parece estar estranhamente associado à ilusão, ao ilusionismo. Enquanto tal, nada tem que ver com a arquitetura da cidade, mas sim com a criação de um cenário, ... entristecendo-nos como turistas de um mundo desaparecido.*

Não surpreende, portanto, que este conceito de contexto seja adotado e aplicado por aqueles que fingem preservar as cidades históricas ao manterem as suas fachadas antigas ou ao reconstruí-las de forma a conservar as suas silhuetas, cores e outros elementos semelhantes; mas o que encontramos, afinal, após essas operações, quando efectivamente concretizadas? Um palco vazio, frequentemente repugnante.

Neste artigo, pretendo explorar dois espaços contemporâneos implicitamente teatrais — Spinningfields, em Manchester, e MediaCity:UK, em Salford — que procuram criar uma variedade de formas urbanas como meio de replicar o desenvolvimento histórico de um ambiente urbano. A mercantilização da cultura tende a desvalorizar o espaço em favor dos atrativos evidentes do objeto arquitetónico, como o horizonte de qualquer cidade em desenvolvimento bem demonstra. Em paralelo com esta tendência à escala macro, na vida dos indivíduos no mundo desenvolvido, a necessidade funcional do fórum público foi suplantada pela disponibilidade de comunicação e informação virtuais

através dos meios eletrónicos, o que talvez tenha libertado os espaços públicos tradicionais para uma expressão mais abertamente retórica da ética de uma comunidade.

É, no entanto, importante reconhecer que o valor e a apreciação do fenómeno histórico do espaço público, e simultaneamente o tratamento do espaço urbano definido como uma forma banal, comportam duas interpretações possíveis. Em primeiro lugar, existe uma suspeita amplamente partilhada de que o tipo de espaço público encerrado que a *piazza* representa se tornou uma forma ultrapassada. Em segundo lugar, e em oposição direta à primeira, existe a posição de que os ensinamentos desses lugares constituem um tipo exemplar de espaço público. Demonstram que variedade, flexibilidade, memória histórica e aspiração contemporânea — os acontecimentos mais quotidianos e os espaços mais sagrados — podem sobrepor-se e criar espaços profundamente inspiradores, que continuam a demonstrar a importância da experiência física, no que toca à autenticidade do familiar e à imediatez da sensação. Curiosamente, ambas as posições parecem igualmente válidas. É possível, naturalmente, usufruir das qualidades de um espaço existente sem considerar que essa experiência possa ser replicada em situações novas. É perfeitamente possível sustentar ambas as visões em simultâneo — um fenómeno que atribuo ao poder estranhamente fascinante do espaço público, à sua capacidade de absorver todos os tipos de fenómenos numa sensação de experiência partilhada.



**Figura 3** *Piazza Constantini, Concordia Sagittaria* (fotografia do autor – todos os direitos reservados)

Os ambientes históricos foram preservados e continuam a servir as suas funções sociais originais, mas a influência do urbanismo comercial dos Estados Unidos faz-se sentir no desenvolvimento dos distritos de negócios e das zonas periféricas das grandes cidades. Neste contexto, os elementos do espaço público são frequentemente apropriados como componentes cénicos no arsenal dos promotores imobiliários para criar um segmento bem-sucedido da cidade, mas trata-se de ambientes exclusivos, desprovidos da diversidade que as situações urbanas autênticas contêm naturalmente. Replicam as soluções de design impermeáveis que caracterizaram as megaestruturas das décadas anteriores, enquanto a criação deliberada de uma falta de integração entre partes da cidade através dos seus espaços públicos dificilmente será substancialmente atenuada pela introdução de lojas exclusivas a fazer de ecrã às plataformas de estacionamento.

Na presença espetacular, mas mais efémera, da publicidade, a dominação global das marcas de moda e tecnologia apresenta uma ideologia que contraria a natureza inclusiva do espaço urbano tradicional. Por vezes, esses elementos tornam-se características permanentes do espaço urbano, como no caso do *Armani Wall* na Via dell'Orso, em Milão, ou do *Diesel Wall*, junto a San Lorenzo, mas estes dois exemplos oferecem lições diferentes quanto à relação com o espaço urbano. Enquanto o *Armani Wall* se dedica diretamente à publicidade e é transparente quanto à sua relação com os produtos de consumo, a sua relação com o espaço urbano é cuidadosamente neutra e pouco expressiva. A relação do *Diesel Wall* com o marketing é mais obscura; o material exposto na parede, resultante de um convite aberto a artistas, tem uma associação com a empresa através do patrocínio do espaço público. Enquanto a presença e a mensagem da obra de arte são diretas, a da marca de moda 'subversiva' está aberta a maior especulação e interpretação.

Um aspeto notório da presença destes cartazes em espaços públicos é o colapso das questões convencionais de escala. As distinções entre meios são vistas como irrelevantes, à medida que a aparência contemporânea da cidade é cada vez mais determinada pela marca e pelo que ela promete. Em contraste com esta efemeridade, é a qualidade da durabilidade que confere ao espaço público tradicional o seu carácter definitivo. É arriscado fazer generalizações, mas a integração discreta de uma *piazza* com a cidade que a envolve, o tempo dedicado ao design e à construção do lugar, e a ambiguidade com que acolhe diferentes funções são os elementos que diferenciam esses espaços do urbanismo funcionalmente específico, provisoriamente construído e atento à notoriedade do presente.

Embora esse fenómeno tenha muitas causas possíveis, a sua relação com a natureza outrora comunicativa do espaço público merece ser destacada. As qualidades do espaço tradicional, ao permitir a espontaneidade na esfera pública, representam o meio mais direto de equilibrar os efeitos negativos do mundo mediado, através do encontro pessoal com todos os acordos e desacordos, prazeres e conflitos que daí resultam. No atual estado confuso do debate arquitetónico e cívico, as acusações de descontinuidade entre intenções e resultados são frequentes. Esta situação é particularmente evidente no desenvolvimento de Spinningfields, no centro de Manchester, situado à volta da antiga Crown Square, uma zona cívica de tribunais e edifícios municipais que foi rebatizada pelo promotor Allied London como centro financeiro e comercial. Os novos edifícios da área carecem de qualquer sentido de lugar, são taciturnamente austeros, uma visão em pequena escala do centro urbano tecnocrático delineado por Le Corbusier há oitenta anos. Eles situam-se em redor da zona, desalinhados e desconfortavelmente

heterogéneos nas suas formas exteriores, diferentes invólucros para o mesmo tipo de espaço funcional. Mas, pelo menos, possuem uma função genuína, ao contrário do espaço público da área, onde a mesma mentalidade decorativa fútil tenta modificar o óbvio vazio de significado do conjunto.

Mensagens utilitárias são comuns na arquitetura de Manchester, pelo que a falta de coerência poderia ser vista como uma demonstração do *genius loci* da cidade. A tentativa de criar uma 'comunidade' a partir dos trabalhadores de escritório que Spinningfields oferece representa uma forma especialmente empobrecida de urbanismo genérico. A atenção incide precisamente na paleta de marcas acumuladas porque o ambiente físico (edifícios e espaços) onde estão inseridas é tão banal e desprovido de qualquer consolação.

Os espaços públicos são particularmente redundantes, porque esses espaços não têm um uso real, não apresentam as mudanças fluidas de ocupação que se testemunham num lugar autêntico. Os espaços criados como parte do desenvolvimento são tão estupidamente amorfos que só podem indicar a sua eventual ocupação por mais edifícios de escritórios. Grandes manchas de relvado sugerem futuros lotes para construção que poderão conferir maior definição a estas manifestações tardias do *s.l.o.a.p.* (space left over after planning — espaço deixado após planeamento).

A inevitável chegada da estagnação económica trouxe alguma sensação de encerramento aos desenvolvimentos recentes. Estes introduziram mudanças frequentemente dramáticas na paisagem urbana de Manchester, na sequência da bomba do I.R.A. em 1996, mas a incompletude da sua resolução e a descontinuidade fragmentária que os seus planos frustrados produzem está firmemente enraizada numa tradição urbana local. O fracasso comercial que o desenvolvimento de Spinningfields está a experienciar gerou uma reação teatral extraordinária. A fachada do Tribunal da Coroa (Crown Court) tem agora uma companheira na construção de um novo pub, *The Oast House*, uma obra de engenharia imaginativa que contrasta cenograficamente com os seus arredores modernos. Tijolos aparentemente envelhecidos e muros de pedra seca, um telhado enferrujado de metal corrugado e uma torre revestida de telhas de madeira tentam evocar um sentido autêntico de lugar, mas só desde outubro de 2011. Contudo, esta não é o tipo de estrutura sazonal e efémera que a rotatividade comercial exige. Antes pelo contrário, é uma solução semipermanente para ultrapassar o problema das lojas vazias e muito caras, que não conseguiram proporcionar o prometido sentido de comunidade no espaço público. O nível de habilidade cenográfica é notável e o pub em si, pelo menos, está muito frequentado, mas a sua posição numa praça originalmente criada como cenário cívico para a dignidade da justiça levanta a questão dos valores que agora se presume que o espaço público representa.



**Figura 4** *The Oast House, Spinningfields, Manchester (fotografia do autor – todos os direitos reservados)*

Existe uma forma relacionada, mas ligeiramente diferente, de expressão do espaço público num outro desenvolvimento recente na cidade vizinha de Salford. O MediaCity:UK é um empreendimento em terrenos industriais abandonados da Peel Holdings, localizado junto ao Manchester Ship Canal, concebido como a nova sede norte da BBC e de outras empresas mediáticas de relevo. A Universidade de Salford também acolhe aí o seu departamento de media em expansão, e o sistema de elétricos Metrolink teve uma linha especial criada para ligar este posto avançado empresarial ao centro de Manchester e às ligações ferroviárias para Londres.

O plano diretor utilizou os marcos culturais de sucesso já existentes — The Lowry (Michael Wilford, 2000) e o Imperial War Museum – North (Daniel Libeskind, 2002) — como focos para os espaços públicos do novo desenvolvimento. Uma grande praça pavimentada, chamada *The Stage*, explora The Lowry como uma peça de cenografia urbana do outro lado da água do cais. A partir deste espaço, uma rua curva conduz a uma nova ponte pedonal que liga ao Imperial War Museum. O grande espaço público é relativamente desimpedido, e é limitado na sua extremidade aberta a este por uma estrutura semelhante a uma stoa, entre ele e uma área de relvado e plantação.



**Figura 5** MediaCity:UK, Salford (fotografia do autor – todos os direitos reservados)

Se estes movimentos estratégicos são sensatos, o mesmo não se pode dizer da arquitetura que forma o pano de fundo do espaço público. Uma série de blocos, claramente concebidos para parecerem distintos uns dos outros, sobem a partir dos

edifícios mais baixos e demonstram vários níveis de engenho nas suas formas em balanço. Há também uma pequena floresta de torres, desde os blocos banais de um hotel genérico até blocos de apartamentos com expressão mais individual, oferecendo vistas sobre a água mas muitas vezes por meios sinuosos. A área de escritórios é mais assertivamente equipada, especialmente o bloco diagonalmente padrão 'Orange', que anuncia em alto e bom som a disponibilidade de espaço de escritório especulativo com a sua perturbação visual. Menos dramaticamente, a linha da rua é formada pelas habituais lojas de marcas omnipresentes.

Agora, seria ingénuo esperar que um desenvolvimento iniciado a partir de uma *tabula rasa* fomentasse qualquer carácter espontâneo, mas nenhuma disposição foi feita para tal ocorrência. O planeamento revela toda a eficiência de um formato popular de televisão, um elevado grau de artificialidade que requer uma completa suspensão da descrença. O espaço público apresenta uma arena demasiado exposta no choque entre o aberto e o fechado, com a pele de vidro a revelar-se uma barreira muito eficaz entre o mundo controlado do espaço de escritórios e o mundo só marginalmente menos controlado lá fora para aqueles sem passe de segurança.

Cada um destes desenvolvimentos tem uma intenção estratégica distinta para a sua função teatral. Os eventos no espaço público em Salford serão desenhados para integrar-se com os horários televisivos, proporcionando uma audiência virtual para esta localização ainda bastante isolada. No MediaCity:UK, os eventos fazem parte da missão do lugar. Em contraste, o calendário de eventos de Spinningfields é desenhado para induzir mais desenvolvimento comercial e atrair clientes para as lojas e restaurantes. Mas enquanto no centro de Manchester tal estratégia de espetáculo para o espaço público poderia ganhar algum valor com a efemeridade mutável dos eventos, em Salford Quays promete toda a alegria entorpecedora do entretenimento altamente planeado e forçado.

Apesar das qualidades manifestamente decepcionantes destes espaços, procura-se um método para os reintegrar numa narrativa urbana com significado. Com as suas linguagens diversamente concebidas, as confusões de escala e compressões no espaço, as suas qualidades cenográficas estão em evidência. Talvez, por isso, possam ser comparados a duas das imagens mais significativas da teatralidade urbana no cânone ocidental, as cenas trágica e cómica de Serlio. A cena trágica mostra palácios e templos com uma vista distante para obeliscos funerários e pirâmides que marcam a dignidade da ação a ser encenada. Em contraste, a cena cómica apresenta uma amálgama de edifícios díspares, alguns sugerindo falta de ocupação e surgindo sobre o telhado de uma casa vulgar mais baixa em plano intermédio. Nesta comparação, a cena trágica poderia ser associada à rigidez formal do MediaCity:UK e, portanto, a inserção do The Oast House no parcialmente vazio Spinningfields cumpre o paralelo com a cena cómica.

Esta interpretação talvez estique a credibilidade. Mas representa a ideia criativa de que, por mais desagradável que seja o contexto em que o urbanista ou arquiteto tenha de trabalhar, o caminho para sair de espaços urbanos pobres, sejam eles alcançados acidentalmente ou simplesmente fruto de um mau desenho, passa pela leitura positiva desse contexto, caso contrário a situação não melhora. A complexidade dessa reinterpretção pode até acrescentar qualidades ao espaço público resultante.

Em suma, é possível afirmar que os espaços urbanos mais bem-sucedidos apresentam três características: são genuinamente abertos e permeáveis, são relativamente despojados e são claramente definidos. Quanto ao primeiro destes aspetos, a abertura é significativa como garantia da natureza pública desses espaços. Isto pode parecer banal, mas tem de ser contrastado com os dois fenómenos contemporâneos, a privatização do espaço público e a simulação do espaço público na esfera privada, particularmente para fins comerciais, que os meus dois exemplos ilustram. Embora os espaços públicos tenham tradicionalmente sido locais de liberdade, uma importante válvula de segurança em qualquer sociedade aberta, eles também ajudam a formar convenções que mantêm o equilíbrio entre o coletivo e o individual. Essa permeabilidade conduz a benefícios sociais, assumindo uma diversidade da população local na posse desses espaços.

O segundo aspeto é a liberalidade do espaço. Uma certa severidade e robustez dos materiais, longe de desencorajar a atividade, assegura que uma multiplicidade de usos seja possível dentro de tal espaço, e que a variedade estimule uma ocupação social vibrante que uma disposição demasiado prescritiva poderia impedir. De forma paradoxal, os aspetos do uso e da representação do uso são frequentemente confundidos, e um tratamento tranquilo do espaço permite que as suas qualidades sejam exploradas de forma ambiente, cujo alcance poucos projetistas poderiam compreender, já que o espontâneo e o não intencional têm sempre um elevado grau de importância.

Por fim, a clareza da definição reforça as especificidades do lugar e da identidade, distinguindo-o de outras partes da cidade. Este aspeto formal contrasta com o modo social de abertura para criar espaços que envolvem o visitante na experiência fenomenológica do próprio lugar. Esta apropriação háptica do espaço precede qualquer compreensão intelectual.

O sentido visual tem de ser entendido como primário. O espetáculo ambiente que isto proporciona à cidade sublinha a teatralidade latente do espaço público. Que apenas uma simulação deste fenómeno seja oferecida pelo espaço público privatizado não deveria precisar de ser enfatizado. A vida dos espaços públicos desenvolveu-se organicamente com a justaposição das atividades comerciais e cívicas, em vez de ser apenas produto da ambição comercial. O erro que muitos espaços contemporâneos cometem é tentar produzir essa história imediatamente, levando à inevitável desilusão com os resultados.

Os modelos suburbanos que dominam o mundo desenvolvido atribuem valor ao espaço não ocupado determinado unicamente pela distância que pode ser mantida entre um cidadão e outro. Pelo contrário, quaisquer espaços públicos dignos desse nome funcionam encorajando a proximidade, a contaminação de um propósito por outro, o fluxo variável de atividades ao longo do dia. As possibilidades que surgem destes contactos planeados e fortuitos fertilizam estes pequenos espaços urbanos para que assumam as características específicas e sofisticadas do lugar.

Mesmo um local como Spinningfields é capaz de redenção. A 5 de julho de 2009, o centro de Manchester foi palco da peça performativa *Procession*, do artista Jeremy Deller, que apresentou uma série de *tableaux* surpreendentes. Em particular, contou com secções familiares e outras desconhecidas que evocavam alguns cenários míticos

populistas. As Rainhas das Rosas das tradições maioritariamente extintas dos *Whit Walks* de Manchester juntaram-se a uma robusta marcha dos *Ramblers*. O mock-barroco todo a cantar e a dançar de *The Adoration of the Chip* contrastava com uma frota de carros fúnebres que comemoravam discotecas lendárias encerradas, desde The Hacienda até Rotters. Os vendedores da *Big Issue* e os fumadores irredutíveis proporcionaram a marca do 'realismo duro do Norte', mas a procissão terminou com a multidão a seguir alegremente ao longo da Deansgate ao som doce e sincopado dos Buzzcocks e Joy Division.



**Figura 6** Jeremy Deller: *Procession* (foto do autor – todos os direitos reservados)

Talvez a performance *Procession* não tenha possuído as qualidades transcendentais de uma grande reencenação urbana narrativa, como a procissão Panatenaica, mas disse muito mais sobre as noções de orgulho cívico e de lugar do que os banais recetáculos de consumo espetacular que formam o cenário urbano recentemente embelezado de Manchester e Salford. No início da sequência, um camião, maquilhado como uma fábrica têxtil com uma chaminé fumegante, trouxe para a consciência dos espetadores o ambiente construído fundamental da cidade — a forma original do espaço industrial, desenhada como um ícone memorial através da falta de identidade de Spinningfields.

A raiz da teatralidade urbana é a representação, e combinada com a sua dimensão política, estas performances poderosas reforçam a importância dos espaços públicos como fenómeno urbano, unindo o presente às origens do lugar. Neste aspeto, o verdadeiro valor dos exemplos históricos reside talvez na sua transformação ao longo



do tempo, mais do que na noção de forma fixa e duradoura. Durante as dificuldades económicas atuais, o espaço público contemporâneo assume uma importância reforçada nas sociedades democráticas, e os valores que representa, mais do que necessariamente as formas pelas quais se expressa, exigem proteção e reafirmação.

## **Bibliografia**

ROSSI, Aldo – The Architecture of the City. New York: M.I.T. Press 1982.

YOUNG, Lesley – Procession: Jeremy Deller. Manchester: Cornerhouse Publications, 2010.